Série III — Ano 6.º Porto, 16 de abril de 1916 Número 27

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131
Impressão: Tip. Viuva Batalha

REDACTOR PRINCIPAL
ANTÓNIO ALVES PEREIRA
Editor — Maciel Barbosa
Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Condições d'assinatura (Pagam. adiant.)
Um mês . . . . . $05 (50 reis)
Semestre . . . . . $30 (300 reis)
Um ano . . . . . $60 (600 reis)
Para fóra do país acresce o importe do sêlo
Número avulso, $01 (10 reis)

A liberdade dos povos e os intervencionistas

UM jornal que por acaso me veio parar à mão, li uma brilhante conferência que, em 1912, Emma Goldman fez em Londres e que, apesar de ser efectuada ha 14 anos, não deixa de ter uma certa relatividade com os acontecimentos actuais. Já então a liberdade dos pequenos povos servia de pretexto aos gestos conquistadores dos países grandes, e Emma referiu-se à liberdade de Cuba pela qual a América desembainhou a sua flamejante espada, como a Inglaterra o fez hoje para com a Bélgica. Todo o mundo civilizado se sensibilisou com o acto altivo da forte e liberalíssima América, que, com o seu próprio sacrifício, libertou Cuba das atrocidades espanholas. Os incitamentos, os aplausos, os louvores cruzaram-se no espaço. Mas quando a Espanha ficou batida pela América, quando esta, pela violência das armas, dominou os cubanos, mais pelo interesse particular de uma dúzia de homens do que pela liberdade daqueles; quando as atrocidades espanholas foram repelidas para dar logar às brutalidades ianquês; quando a ferocidade americana fuzilou trabalhadores em massa, como em Homestead, e encerrou centenas dêles em infectas masmorras, arrancando-lhes as declarações à baionetada; quando a civilização norte-americana permitiu o linchamento de negros, torturados e queimados vivos pelas turbas enfurecidas, nenhuma mão se levantou em defeza da liberdade dêsse povo oprimido que, liberto das balas espanholas, ficou entretanto entregue aos sanguinários e brutais instintos dos capitalistas americanos!

A Inglaterra, que poucos interesses tinha ligados a essa empresa, não se incomodou como agora, e os intervencionistas, que já por êsse tempo os havia e bons emudeceram, não se sabendo se por cumplicidade, se por decepção, ante a nova violação de Cuba, como emudeceram ante a violação das Filipinas, do massacre e das herdades incendiadas, das fazendas destruídas e das mulheres ultrajadas pelos mesmos que foram *emancipar* Cuba...

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

Sermões ao ar livre

«Liberdade para tudo e para todos, menos para o mal e para os malvados».

Isto, que li há tempos num jornal católico, que discutia a liberdade de pensar, encontra-se repetido todos os dias, porque foi a doutrina da Inquisição, e é hoje a da Igreja, a do Estado, a de todos os dogmas e tiranias.

Não admira. A Igreja possui a Verdade com maiúscula e com infinita certeza. Vem-lhe de Deus. A fé cega não admite o êrro. A heresia é o mais monstruoso de todos os crimes—dizia o padre Bernardo Gui. O mal é a heresia. Os senhores da Verdade absoluta, os possessos da horrível mania da certeza não admitem a menor contradição.

Errar é só humano, não divino; e a Igreja representa a divindidade e tem em depósito, na terra, as suas verdades infalíveis e eternas.

Sendo a verdade relativa, sendo as verdades um cabedal laboriosamente acumulado e modificado, pareceria que a liberdade de pensamento não tem senão uma base sólida: a liberdade de errar. O que eu chamo êrro é para quem o profere uma bela verdade — e qual de nós tem razão? qual de nós tem o direito de fixar os limites do falso e do verdadeiro?

A Igreja, que é divina e infalível, julga-se com êsse direito, e quando tem fôrça, dêle usa largamente, encarcerando, torturando e queimando.

E o mesmo fazem, na medida do possível, na medida da resistência oposta, tôdas as instituições autoritárias, de origem menos divina, mas nem sempre menos dogmática. Dispondo do poder, o que elas procuram sobretudo é conservar-se pela violência. Tôdas elas punem o êrro—o êrro supremo: a heresia — mas são elas evidentemente quem o define.

Assim faz o Estado, isto é, a classe que o dirige, fixando como entende o «bem público» e o interesse nacional, brandindo os dogmas do Patriotismo e da Razão de Estado, determinando os confins do êrro inimigo, refocilando-se voluptuosamente na repressão quando apanha um bom pretexto, uma boa ocasião e um bom apoio.

Torquemada é que nunca deixou de existir.

ZENO VAZ.